

AS MODALIDADES ORAL E ESCRITA E O USO DOS MODALIZADORES

MARIA APARECIDA RESENDE OTTONI

Abstract

This paper aims to analyze two written narratives: Chapter V and Chapter VI of the novel *O falador*, by Mário Vargas Llosa. In spite of being written, Chapter V is an oral story telling through writing and it has a lot of features identified as characterizing oral discourse. On the other hand, Chapter VI presents Llosa's biography and it follows the conventions of written language. Based on Chafe's view (1985) that the hedging of categorizations is restricted to spoken language, we analyze the occurrence of modals in the two chapters, attempting to verify that in Chapter V there is the same tendency pointed out by Chafe for spoken language.

Key words

Modality; spoken and written language; narrative.

Considerações preliminares

Durante muito tempo, a lingüística moderna enfatizou o estudo da língua falada por considerá-la de caráter primário em relação à língua escrita, ou seja, por considerar que aquela precede esta na história da raça humana. Com o desenvolvimento das pesquisas, constatou-se a necessidade de atentar-se igualmente tanto para a modalidade oral quanto para a escrita, uma vez que as duas, em diferentes situações e contextos, chegam a sobrepor-se e amalgamar-se.

Acreditamos que os fatores contextuais, culturais e interacionais, bem como a própria natureza do falar e escrever, atuam nas diferenciações e caracterizações que são apresentadas para a língua falada e língua escrita. Segundo Perera (1984), há diferenças entre as duas modalidades tanto

físicas quanto situacionais, funcionais, na forma, na estrutura gramatical e na organização do discurso.

Ao tentar estabelecer uma caracterização e distinção entre as línguas oral e escrita, os pesquisadores, em sua maioria, vêm tomando como objeto de análise narrativas orais x narrativas escritas ou conversação espontânea x texto escrito altamente letrado. No presente estudo, propomos analisar não um texto oral e um escrito como se tem feito, mas, sim, dois textos escritos, do mesmo gênero, mas com características distintas. Os textos são narrativos e fazem parte do romance *O falador* de Mário Vargas Llosa, sendo um deles o Capítulo V que, apesar de escrito, apresenta-se altamente permeado pela fala, e o outro, o Capítulo VI, que segue as convenções da língua escrita.

Partimos do pressuposto de que as diferenças apontadas entre as duas modalidades favorecem o maior ou menor emprego de certas formas lingüísticas em cada uma delas. Baseando-nos na concepção de Chafe (1985), de que na língua falada há uma maior tendência à modalização do discurso e ao uso de modalizadores categóricos, objetivamos analisar a incidência dos modalizadores nos dois textos, tentando verificar se no Capítulo V, que, como dissemos, é altamente permeado pela fala, também há a mesma tendência apontada por Chafe para a língua falada.

Nossa hipótese é de que, neste estudo, poderemos obter dados um pouco diferentes dos obtidos quando da análise de um texto falado x texto escrito¹, devido à natureza do romance e à própria natureza dos textos: os dois são escritos, mas têm características distintas.

Apoiamo-nos basicamente em Chafe (1985), por tratar de questões de envolvimento e “evidencialidade” nas duas modalidades, em Tannen (1982 e 1985), que desenvolveu pesquisas nessa área, tratando do texto narrativo e da questão do envolvimento; e em Koch (1995 e 1996), que aborda o emprego dos modalizadores.

¹ Anteriormente, analisamos um texto escrito, de Cacá Diegues, e um oral, do projeto NURC. Constatamos, no texto oral, um índice de 175% a mais de modalizadores e 21% a mais de modalizadores categóricos que no texto escrito, confirmando a afirmação de Chafe (1985).

Pressupostos teóricos

Modalidade oral e modalidade escrita

Segundo Chafe (1985), a língua escrita não é um novo tipo independente de linguagem, mas um tipo fundamentado nos recursos da língua falada com o desenvolvimento de possibilidades mais amplas que esta. Tanto este autor quanto Perera (1984) apontam algumas diferenças básicas nos processos de fala e escrita.

Segundo eles, a escrita é um processo lento, solitário, sem a preocupação de manter a atenção do(a) ouvinte. Nesse processo, dispõe-se de mais tempo para pensar sobre como melhor usar a linguagem para expressar o que se quer dizer, para organizar e selecionar os recursos lingüísticos necessários. A escrita pode permanecer indefinidamente e pode ser examinada com a finalidade de verificar a veracidade do que está sendo dito. Por outro lado, a fala é um processo no qual se exterioriza a informação em um ritmo rápido, sendo necessário monitorar o seu fluxo por meio de várias estratégias. Ela pode desaparecer em si mesma, tão logo seja produzida, a não ser que seja gravada.

Na modalidade oral, planejamento e verbalização ocorrem simultaneamente. Ela emerge no próprio momento da interação, é dinâmica, não se apresenta pronta, mas, “em se fazendo”. Por outro lado, a modalidade escrita é o resultado de um processo, apresenta-se como um produto já pronto, acabado. É, portanto, estática.

Chafe (1985) aponta ainda diferenças entre a língua falada e língua escrita concernentes ao isolamento tanto espacial quanto temporal do(a) escritor(a) e à interação falante/ouvinte. A esta oposição, ele dá o nome de **envolvimento da língua falada x afastamento da língua escrita**. Ele considera três tipos de envolvimento: *do(a) falante consigo mesmo(a) (o ego-envolvimento)*; *do(a) falante com o(a) ouvinte (ligado à interação)*; e *do(a) falante com o assunto, ou seja, um comprometimento pessoal com aquilo sobre o que está sendo falado*.

O primeiro, segundo o autor, mostra-se mais evidente no uso dos pronomes de primeira pessoa e de expressões como “*eu penso, eu digo, eu acho,*

eu não sei”. O segundo mostra-se pelo uso dos pronomes de segunda pessoa, pelo chamamento do(a) ouvinte pelo nome, pelo pedido de confirmação como “*certo? está bem?*” e o terceiro tipo, *o envolvimento do(a) falante com o assunto*, é evidenciado quando o(a) falante expressa seu interesse no assunto através de estratégias como exagero, exclamação, vocabulário expressivo, introdução do presente histórico, uso de citações diretas e de partículas vívidas como “*mesmo e realmente*”, que são modalizadores.

Para Tannen (1982), o que Chafe chama de envolvimento reflete o que Goffman (1979) descreve na interação face a face como “footing”, ou seja, a atitude ou posição do(a) falante em relação à audiência e, como acrescenta a autora, em relação ao conteúdo.

Uma vez que analisaremos o uso dos modalizadores nos dois textos e que, como veremos mais adiante, tais modalizadores têm relação direta com a atitude, com a intenção do(a) falante ou escritor(a), torna-se necessário abordarmos aqui o que Chafe (1985) apresenta como “evidencialidade”. O primeiro tipo de evidencialidade citado por ele refere-se à *marcação de veridicidade*.

Os falantes ou escritores têm várias formas de expressar suas atitudes em relação ao conhecimento que estão comunicando e estas atitudes têm a ver com o tipo de dados nos quais se baseiam, no raciocínio que os levou a este conhecimento e com a veridicidade do mesmo. De acordo com Chafe (1985), a veridicidade pode ser expressa por meio de advérbios como “*pode ser, provavelmente, e certamente*” e modais como “*pode e deveria*”. Segundo o autor, estas estratégias são usadas tanto na fala quanto na escrita, contudo os termos “*possivelmente, indubitavelmente, sem dúvida*” são mais tipicamente usados na escrita.

Como já foi exposto, os escritores geralmente dispõem de maior tempo para analisar o que estão escrevendo e, de fato, há uma preocupação por parte deles com a veridicidade do que estão escrevendo, até mesmo porque a permanência da língua escrita pode implicar possíveis críticas futuras às informações veiculadas. Visto que os escritores são mais distanciados do assunto, eles podem avaliar a veridicidade também de uma forma distanciada. Na língua escrita, existe uma preocupação com a veridicidade estatística que raramente está presente na língua falada. Esta

preocupação é manifesta através de evidenciadores como *basicamente, essencialmente, geralmente, de alguma forma, invariavelmente, normalmente, primeiramente, e virtualmente*.

O autor expõe ainda com relação à marcação da veridicidade, que os falantes parecem estar preocupados quase exclusivamente com a probabilidade de alguma coisa ser verdade ou não. A escolha é categórica. Os escritores, por outro lado, têm tempo para identificar se essa verdade em si mesma pode ser relativa e se o que está sendo comunicado pode em si mesmo ser mais ou ser verdadeiro e não simplesmente verdadeiro ou não.

Além da expressão da veridicidade, Chafe fala de mais três tipos de evidencialidade. O segundo tipo marca o conhecimento como tendo surgido a partir de determinado raciocínio – inferência baseada em algum tipo de evidência – que se marca mais comumente com o modal *precisa*, e também com expressões como *parece, evidentemente e ser óbvio*. O terceiro se refere à evidência sensorial (verbos ver, ouvir e sentir) ou rumor (parecer ser ou supor). O quarto e último tipo de evidencialidade, mencionado sob a categoria “limites”, se refere a uma categorização sem precisão, ou seja, não há uma preocupação com a veridicidade do conhecimento em si mesmo, mas com a extensão em que uma dada quantidade de conhecimento preenche uma categoria existente. A língua falada usa “*um tipo de*”, “*uma sorte de*”. Segundo o pesquisador, tais expressões são raras na língua escrita, na qual a credibilidade é mais uma emissão que uma categorização, em conseqüência do maior tempo para encontrar a palavra ou frase certa para limitar sua escolha.

Na verdade, tanto a língua escrita quanto a falada mostram uma preocupação com a veridicidade do conhecimento. Entretanto, os falantes restringem-se a comparações ou ao fato de uma coisa ser verdade ou não, ao passo que os escritores preocupam-se com graus de veridicidade, com a probabilidade estatística.

Modalizadores

É ponto pacífico a afirmação de que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo. Todo usuário da língua tem uma intenção

ao se comunicar e, para conseguir atingir seu objetivo, precisa utilizar-se de argumentos.

Uma das formas pelas quais o(a) produtor(a) do discurso manifesta suas intenções e atitudes diante do que está sendo comunicado é o uso dos modalizadores.

Segundo Koch (1995 e 1996), os indicadores modais, também chamados modalizadores em sentido estrito, são importantes na construção do sentido do discurso e na sinalização do modo como aquilo que se diz é dito e revelam a atitude do falante perante o enunciado que produz.

A lógica aponta como principais tipos de modalidades os seguintes: *necessário/possível, certo/incerto, duvidoso e obrigatório/facultativo*. Entre os vários tipos possíveis de lexicalização das modalidades, Koch (1996:87) cita: *os performativos explícitos, auxiliares modais, predicados cristalizados, advérbios modalizadores, as formas verbais perifrásticas, os modos e tempos verbais, os verbos de atitude proposicional, a entonação e os operadores argumentativos*.

Em nosso estudo, não trabalhamos com os modos/tempos verbais e entonação. Procuramos estabelecer uma comparação entre a incidência dos modalizadores categóricos (como: *sempre, nunca, certamente, sem dúvida, dever + infinitivo* no sentido de obrigação, etc.) e dos que indicam possibilidade/probabilidade/necessidade (como: *parece, talvez, poder + infinitivo*, etc.), nas duas modalidades.

O romance *O falador*

O romance foi produzido pelo escritor peruano Mario Vargas Llosa, em 1936, traduzido por Remy Gorga Filho, em 1988, e se apresenta como uma narrativa dividida em capítulos, na qual o autor conta, simultaneamente, parte de sua história de vida e a história de um amigo, Saul Zaratas, antes de ser um falador e no momento em que ele absorve a cultura indígena e se transforma em um falador.

Na obra, duas vozes se alternam: ora o autor, narrador principal, relembra uma época de sua vida em Lima, ora o próprio falador – feiticeiro das palavras que saía de aldeia em aldeia indígena contando histórias,

trazendo a sabedoria vivenciada – narra a história e cultura da comunidade indígena da Amazônia, os machiguengas.

Llosa relata que seu grande companheiro, conhecido pelo apelido de Mascarita por ter uma enorme verruga no rosto, era apaixonado pela cultura indígena da tribo dos machiguengas e havia desaparecido. A princípio, a informação que Vargas obtivera era de que Mascarita teria ido para Israel, mas acabou por saber que ele, embora judeu e viracocha, se transformara em falador dos índios machiguengas. Ao contrário de muitos que se dirigiam às aldeias de índios com o intuito de impor sua cultura ocidental, Mascarita foi unir forças contra o processo de aculturação que se encontrava em pleno crescimento nas comunidades indígenas, incluindo os machiguengas.

Santos (1997:80) observa que *o caso de Mascarita é perfeito para ilustrar a questão da identidade do povo latino-americano. As maiores lições de um povo encontram-se em sua terra e seu passado. Uma terra mágica e um passado místico que se fundem e que mostram seu mais puro reflexo na tradição da cultura indígena, que tudo assimila sem jamais esquecer seus sagrados mitos.*

Mário Vargas Llosa consegue apresentar de forma clara o respeito das tribos indígenas por suas crenças e mitos, pela figura do “falador” e pela transmissão do conhecimento sagrado de geração a geração.

O texto narrativo e os capítulos analisados

Consideramos importante tecer alguns comentários sobre o texto narrativo, uma vez que os capítulos que compõem o nosso objeto de análise são deste gênero.

Tannen dedicou especial atenção a este tipo de texto em pesquisas referentes às modalidades oral e escrita. Segundo a autora, a narrativa tem sido um tópico comum de estudo por várias razões: é um gênero relativamente comum e comparativamente fácil de elucidar; muitas pessoas parecem gostar de contar histórias e, ainda, as narrativas apresentam limites facilmente reconhecíveis (introdução, complicação, resolução, etc.). Ela acrescenta que o texto narrativo também tem sido útil para o propósito

de comparar múltiplas versões de um texto ou textos produzidos por diferentes pessoas sobre o mesmo material.

Em um de seus estudos, Tannen (1982) aponta para o fato de que o gênero narrativo é primariamente um gênero falado e que as narrativas escritas tomam emprestado muitas convenções do modelo das histórias contadas oralmente, ou seja, ela sugere que toda narrativa, inclusive a escrita, é modelada a partir de um contexto de narração oral de histórias.

Como já dissemos, consideramos o Capítulo V como uma tentativa de reprodução da fala via escrita, uma proposta de narrativa oral. Nele, o autor dá voz ao falador e, em conseqüência, o texto se apresenta como se o feiticeiro das palavras estivesse contando suas histórias à frente da tribo indígena. Nessa perspectiva, pela condição mesma da figura do falador, *o contador de histórias*, cremos que este capítulo se diferencia do VI por se assemelhar a uma narrativa oral, embora sendo escrito.

É possível identificarmos algumas marcas da oralidade que nos permitem considerar o Capítulo V dessa forma. Podemos verificar em algumas passagens, tais como: “...*Como? Não sei.*” (p. 98) em que há um perguntar e responder a si mesmo, partindo do contador, da mesma maneira que quando estamos contando algum fato ou acontecimento oralmente. A autoridade visual exibida em “*Mas anda, eu o vi.*” (p. 98) e em “*Eu as vi e as ouvi.*” que também é muito explorada na fala.

Outras marcas da oralidade, também apresentadas neste capítulo, são os verbos *discendi* e a reprodução dos traços paralingüísticos. Por exemplo:

“Não há razão para alvoroço’, **dizendo**”. (p. 98)

“Mãe’, **chamando-a**”. (p. 101)

“Vamos, que o falador veja que você também fala’, **ordenou-lhe.**” (p. 98)

“Pois aqui está vendo um’, disse-me Tasurinchi, **rindo com a minha surpresa.** (p. 112)

Sabemos que o texto narrativo é um gênero de discurso que tem suas próprias convenções e regras e que tem sua estrutura influenciada

pela seqüência temporal dos fatos relatados. Esta seqüência temporal é mais facilmente identificada no Capítulo VI que no Capítulo V. Neste, sentimos certa dificuldade de entender o encadeamento dos fatos e das idéias, talvez até porque o narrador (o falador) não se preocupa com o fato de nós, leitores, partilharmos ou não o conhecimento de mundo e as experiências comunicativas. Ali, o seu público alvo são os índios que o estão ouvindo e não nós, os leitores.

No Capítulo VI, Vargas Llosa narra sua experiência na televisão peruana, com o programa “La Torre de Babel”, e seu retorno à tribo dos machiguengas para produzir um documentário a convite de Rosita Corpancho, uma antiga amiga.

Ele nos conta que, desde o começo dos anos sessenta, vinha fazendo tentativas frustradas de escrever uma história sobre os faladores machiguengas e fala de seu encontro com o casal Schneil, que já estava há um quarto de século na Amazônia, trabalhando com os machiguengas. Llosa também fala das mudanças ocorridas na tribo, dos questionamentos que fez ao casal Schneil sobre os faladores, de suas descobertas, do final da série “La Torre de Babel” e da primeira informação que teve acerca do desaparecimento de Mascarita.

Neste capítulo, ao contrário do anterior, os travessões são muito usados para retratar o discurso direto, em conformidade com as convenções da escrita.

“ – E qual é? – perguntou, afinal, a senhora Schneil.” (p. 152)

“ – Mas em todos estes anos não ouviram nunca a um falador? – perguntei-lhes.”(p. 155)

A seqüência temporal da narrativa é facilmente identificada no Capítulo VI por ser parte da história de vida de Llosa (“Em 1981 tive, seis meses...” p. 129, “Dois dias depois...” p. 136, “Desde aquela viagem de meados de 1958, que me fez descobrir a selva peruana, tinha estado várias vezes na Amazônia...” p. 139, “Ao anoitecer...” p. 141, “E, afinal, amanhã... conheceria os machiguengas.” p. 146, “...ao começar a tarde...” p. 148)

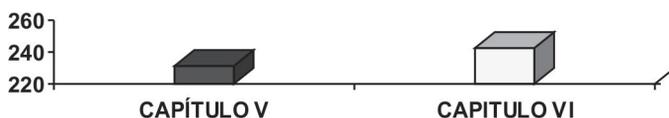
Os dados

Fazendo um levantamento global dos modalizadores nos dois capítulos, foi-nos possível chegar aos seguintes resultados:

	CAPÍTULO V	CAPÍTULO VI
Total de modalizadores	231	243
Modalizadores categóricos	63	101
Modalizadores indicando possibilidade/ probabilidade/necessidade	138	64
performativos explícitos	01	04
auxiliares modais	83	65
predicados cristalizados	04	03
advérbios modalizadores	03	50
formas verbais perifrásticas	76	64
verbo de atitude proposicional	08	24
operadores argumentativos	15	25

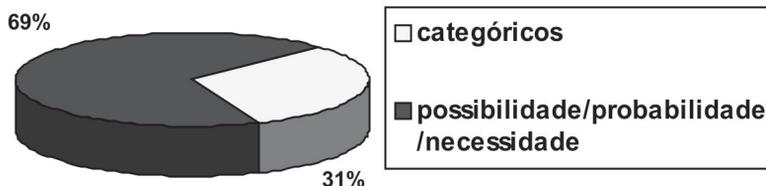
A seguir, apresentamos, por meio de gráficos, os dados acima, para facilitar a visualização do contraste entre os dois capítulos.

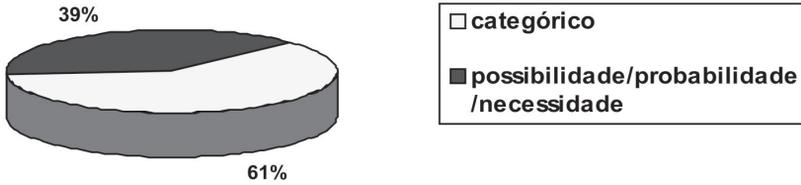
Incidência de modalizadores nos Capítulos V e VI



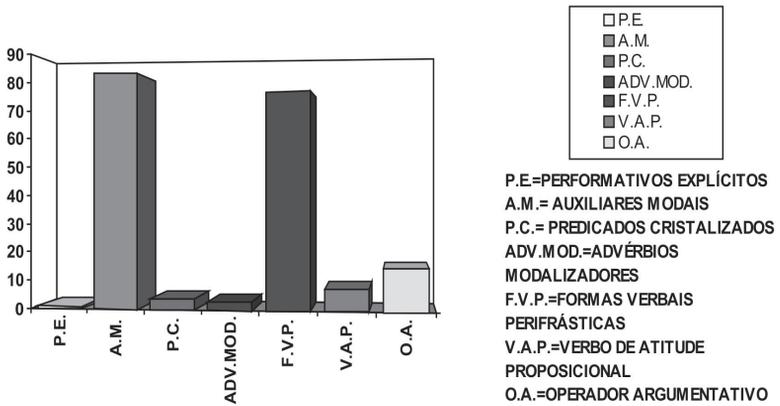
Categóricos X possibilidade/probabilidade/necessidade

Capítulo V

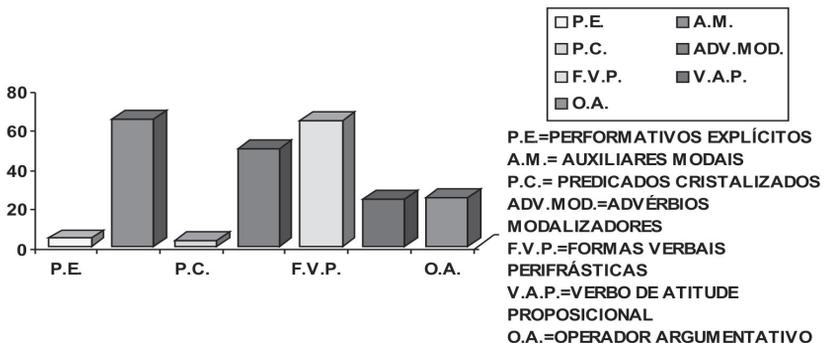




Alguns tipos de lexicalizações possíveis das modalidades Capítulo V



Capítulo VI



Pelo exposto anteriormente acerca da teoria de Chafe (1985) quanto à marcação de veridicidade, poderíamos pensar que o Capítulo VI apresentaria um índice menor de modalizadores categóricos, uma vez que, segundo o autor, na língua escrita o que existe é uma preocupação com a veridicidade estatística e não com o fato de ser ou não verdade o que está sendo comunicado. Contudo, os resultados nos mostraram o oposto: o Capítulo VI apresentou 5,2% a mais de modalizadores no geral e 60,3% a mais de modalizadores categóricos que o Capítulo V.

Podemos nos perguntar: por que o Capítulo V, que é altamente permeado pela fala, não apresentou uma incidência maior de modalizadores categóricos se, de acordo com Chafe, na língua falada, a escolha é categórica e há uma preocupação quase exclusivamente com a probabilidade de algo ser ou não verdade?

Para respondermos a esta pergunta, é preciso lembrar que o Capítulo V é uma tentativa de reprodução da fala, mas não deixa de ser escrito, e lembrar também o que está sendo narrado em cada capítulo. Como dissemos antes, Llosa narra sua própria experiência de vida no Capítulo VI, e isso nos leva a crer que ele tem segurança das informações apresentadas, ou seja, não há o receio de ser categórico, de ver seus dados questionados posteriormente, pois é parte de sua biografia. Vejamos algumas passagens deste capítulo:

“Em 1981 tive, seis meses, na televisão peruana, um programa intitulado ‘La Torre de Babel’.” (p. 129)

“Na verdade, tive que dedicar a ‘La Torre de Babel’ todas as manhãs...”(p. 129)

“...e chegamos, acredito...” (p. 131)

“...acho que não muito...” (p. 133)

“Naqueles seis meses esqueci-me de dormir, de comer, de ler e, é claro, de escrever.”(p. 136)

“Nunca tinha ouvido falar deles...” (p. 151)

A presença, em larga escala, de pronomes de primeira pessoa no Capítulo VI e também o índice bem maior de verbos de atitude proposicional (vide tabela acima) mostram o envolvimento do autor com o assunto e consigo mesmo, justificado pelo próprio teor do que é narrado.

No Capítulo V, ao contrário do VI, o que se tem é uma “narração de histórias”, ou seja, o falador contando histórias sobre o que ele viu e ouviu nas tribos indígenas:

“Isso é pelo menos o que eu soube.” (pp. 101, 103,104,112,115,120,128)

“Mas o seripigari de Segakiato conta-o de outra maneira.” (p. 103)

“Esta é a história de Kachiborérine.” (p. 109)

Uma vez que as histórias são passadas de geração a geração, oralmente, não se pode falar em verdade categórica, mas em possibilidade/probabilidade. Isto justifica a maior incidência de modalizadores indicando possibilidade/probabilidade/necessidade no Capítulo V (mais que o dobro do Capítulo VI).

“Pode trazer-lhe desgraça, também.”(p. 101)

“Isso é, quem sabe, o que aprendi escutando.”(p. 117)

Uma outra constatação que fizemos em nossa análise, e que está diretamente ligada à maior incidência da idéia de possibilidade/probabilidade no Capítulo V, diz respeito à diferença entre o número de vezes em que aparecem os modalizadores *parece* e *talvez*, nos dois capítulos. No Capítulo V, eles apareceram 70 (setenta) vezes e no VI, 20 (vinte) vezes; o que significa uma incidência de 250% a mais, no primeiro capítulo.

Verificando ainda se, ao utilizar estes termos, o narrador estaria duvidando de fatos/verdades ou de pessoas, constatamos que a referência, em sua maioria, é a fatos/verdades. Cremos que a menor incidência dos termos *parece* e *talvez* no Capítulo VI se deve à natureza do que é narrado. Por contar parte da história de vida de Llosa, os fatos/verdades não são colocados em dúvida pelo autor. Por outro lado, os fatos narrados no Capítulo V, em sua maioria, foram vivenciados por outras pessoas que não o próprio narrador. Isto justifica o maior índice desses termos relacionados a fatos/verdades.

“Roubar aquela mulher foi uma dessas ordens, parece.”(p. 99)

“Deve andar sempre rabiando, talvez.” (p. 111)

Considerações finais

Neste trabalho procuramos fazer uma breve análise da incidência dos modalizadores em dois textos escritos, narrativos, com características distintas. Em conformidade com a hipótese que levantamos no início deste estudo, os dados obtidos fugiram ao que obtivemos em trabalho anterior (vide nota 1).

Vários foram os fatores que contribuíram para a obtenção de resultados distintos no presente estudo. Um deles é o fato de os dois textos serem da modalidade escrita, sendo um uma proposta de narrativa oral – uma narração oral de histórias via escrita –, e o outro, parte da biografia do próprio autor do romance. Outro fator de extrema importância diz respeito ao lastro cultural dos dois narradores; é bem diferente a perspectiva da qual fala Llosa e da qual fala “o falador”. Resta-nos ressaltar também a contribuição da própria natureza dos fatos narrados e do romance para a forma de expressão das atitudes dos narradores (uso dos modalizadores) em relação ao que estavam comunicando.

Acreditamos que nosso estudo, de certa forma, demonstra também que muitos traços e características que têm sido associados exclusivamente a uma ou outra modalidade podem ser encontrados em ambas, dependendo da situação comunicativa; demonstra, ainda, que há traços do oral na escrita, ou seja, há uma interface entre língua oral e língua escrita.

Referências bibliográficas

- Arruda-Fernandes, V. M. B. A tipologia textual e o emprego de conectivos em textos orais e escritos. *Letras & Letras*, 12 (2): 23-45, jul./dez.,1996.
- Chafe, W. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: Olson, D. R., Torrance, N. & Hildyard, A. (eds.) *Literacy, language and learning. The nature and consequences of reading and writing*. Cambridge University Press, 1985.
- Chafe, W. & Danielewicz, J. Properties of spoken and written language.

- In: Horowitz, R. & Samuels, S. (eds.) *Comprehending oral and written language*. London: Academic Press, 1987.
- Koch, I. G.V. *A inter-ação pela linguagem*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1995.
- _____. *Argumentação e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- Llosa, M.V. *O falador*. Trad. Remy Gorga Filho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- Lopes, M. C. C. Texto oral e escrito: algumas características lingüísticas diferenciadoras. *Letras & Letras*, 12 (2): 69-87, jul./dez, 1996.
- Perera, K. Some differences between speech and writing. *In: Children's writing and reading*. NY: Basil Blackwell, 1984.
- Santos, M. de L. O falador: feiticeiro das palavras. *Letras & Letras*, 13 (1): 75-80, jan./jul, 1997.
- Tannen, D. Oral and literate strategies in spoken and written narratives. *Language*, 58 (1): 1-21, 1982.
- _____. Relative focus on involvement in oral and written discourse. *In: Olson, D., Torrance, N. & Hildyard, A. (eds). Literacy, language and learning. The nature and consequences of reading*. Cambridge University Press, 1985.